

APRESENTAÇÃO

A expressão teórica do proletariado revolucionário é a sistematização dos saberes advindos das experiências históricas que a luta de classes acumula e que toma coesão com diversas obras, marxianas sobretudo. Estas - a partir de análises histórico-dialéticas dos fatores da revolução (materialidade e subjetividade) – incorporam: a) os embates das classes exploradas com as classes exploradoras; b) as contradições internas das classes dominantes e suas disputas, e c) as contradições da própria organização revolucionária do proletariado. Estas três dimensões formam uma totalidade inseparável, cujo conhecimento é imprescindível para qualificar a luta das novas gerações proletárias pela destruição do capitalismo.

Este primeiro Cadernos de Formação (CF-1) que agora entregamos para a leitura e o estudo da militância anticapitalista do século XXI, busca identificar e elucidar o momento histórico preciso que propiciou o aparecimento de diferenças estratégicas que necessariamente conduziram a orientações, linhas políticas e formas organizativas opostas no seio do proletariado revolucionário que, naquele momento, se organizava no interior da recém fundada III Internacional, em uma conjuntura revolucionária aberta imediatamente após o fim da I Guerra Mundial que sacudia o continente europeu.

Estão reunidos neste CF-1 quatro textos de um debate entre duas tendências que romperam pela esquerda com a II Internacional por seu apoio à guerra, aderindo ao nacionalismo e imperialismo. Unidas na crítica à social-democracia em um primeiro momento, essas mesmas tendências – inicialmente diferenciadas pelas denominações de “comunistas de partido” e “comunistas de conselhos” - serão antagônicas entre si e darão origem a duas correntes políticas independentes: bolchevismo e conselhismo.

Em 1920, ano em ocorreu o II Congresso da III Internacional e se desenvolveu a polêmica aqui exposta, enquanto na Rússia o partido bolchevique governava com relativa estabilidade, na Alemanha a eliminação física do movimento espartaquista e a eleição à Assembleia Constituinte estabeleceram um contexto de refluxo. É neste cenário que a esquerda operária germano-holandesa percebe que é necessário radicalizar as lutas para fazer avançar a revolução na Europa adotando táticas de superação de modos de agir, instituições e formas organizativas transpostas da revolução burguesa. Ao mesmo tempo e contrariamente, na Rússia, os bolcheviques estão preocupados em moderar as lutas no continente para fazer com que a III Internacional se aproxime da social-democracia dos países europeus onde a revolução foi derrotada ou sequer havia começado para realizar uma tática de defesa do recém-nascido Capitalismo de Estado Russo.

O primeiro texto, intitulado “Revolução Mundial e Tática Comunista”, foi escrito por Anton Pannekoek (1873-1960) ¹ e enviado à III Internacional em abril de 1920 para servir como tese-base para o congresso daquele ano. Nele, o autor amadurece seu método de análise ancorado na distinção entre condições revolucionárias objetivas e subjetivas, onde a primeira se apoiava no modo de produção da sociedade capitalista e a outra na maturação da consciência de classe revolucionária. Estabelecido o método de análise e de elaboração estratégica, tece já naquele momento – quase um século atrás - críticas radicais à social-democracia, às táticas parlamentaristas e sindicais. Suas teses visam elucidar que estas táticas não podem ser consideradas “intrinsecamente boas” ou eficientes, pois seu surgimento partiu de experiências históricas da luta do proletariado marcadas por contradições e correlações de forças de determinada época. Portanto, uma nova tática comunista para a **revolução mundial** deverá se fundamentar em uma análise de conjuntura que não procure justificar os meios de luta até então empregados ou a generalização de experiências revolucionárias específicas, mas a partir destes conhecimentos direcionar para uma tática revolucionária que não esteja, ou que não entrará, em contradição com os objetivos da sociedade comunista almejada.

O segundo texto deste CF-1 foi escrito como resposta a estas teses, que expressavam as posições da esquerda comunista alemã, holandesa e inglesa. De autoria de Lênin, se intitula “Esquerdismo, doença infantil do comunismo” e ataca as posições antiparlamentares e antissindicais das teses de Pannekoek, ao mesmo tempo em que critica a esquerda comunista na Inglaterra. Se esforça para extrair leis gerais da revolução a partir das especificidades da Revolução Russa: defenderá a atuação de revolucionários em sindicatos reacionários e parlamentos. Apresenta grande pobreza intelectual se comparado a outros trabalhos escritos de Lênin, pois, em sua forma argumentativa, “Esquerdismo...” não demonstra as capacidades analíticas do revolucionário bolchevique e sua importância histórica e teórica se dá sobretudo pela autoridade da figura que o escreveu (ou assinou) e pela impressão e difusão massiva a partir de Moscou e seus satélites, do que propriamente pelo desenvolvimento teórico exposto em seu conteúdo.

Em geral, Lênin trata de validar todos os métodos vitoriosos do bolchevismo russo e transferi-los acriticamente para o restante da Europa. Assim, as organizações proletárias que não seguirem os passos russos, passos esses que não são apenas proletários, serão rotuladas pejorativamente de esquerdistas. Ou seja, o modelo vitorioso de conquista e manutenção do poder na Rússia, excepcional

¹ Cientista e teórico marxista holandês. Como cientista obteve reconhecimento internacional por seus trabalhos na área da astronomia. Como teórico, concebia o marxismo como a ciência aplicada aos problemas sociais e a humanização da ciência como um aspecto da humanização da sociedade. Sempre sustentou que o marxismo não era um dogma, mas um método de pensamento aplicável aos problemas sociais no processo real de transformação social, por tal motivo, para Pannekoek a teoria marxista não apenas seria ultrapassada pelo próprio marxismo em certos aspectos, como algumas de suas teses, originadas de condições determinadas, deveriam perder validade quando as condições mudassem. De sua obra sobressaem com solidez pelo menos duas ideias: 1) a autonomia do proletariado frente aos capitalistas e à degeneração burocrática de partidos e sindicatos de trabalhadores; 2) a impossibilidade de reconstruir o movimento operário nos moldes em que existiu, tanto antes de 1914, quanto no período de 1917-21.

- posto que fracassou no restante do continente - é elevado à condição de dogma a ser seguido por todo o movimento proletário internacional e tornou-se uma fonte direta de assédio político, intelectual, econômico e repressor contra organizações proletárias no mundo inteiro, sob o rótulo da “bolchevização”.

O posfácio que segue a leitura de “Revolução Mundial...” foi escrito por Pannekoek como resposta a Lênin, e, portanto, recomenda-se a sua leitura após a leitura de “Esquerdismo...”. Contudo, em seu resumido posfácio Pannekoek entendeu ser desnecessário rebater Lênin ponto a ponto, pois, como antecipadamente percebeu, já estava configurada a quebra da unidade do movimento comunista, em que uma parte visava desenvolver o capitalismo em nações de economia atrasada enquanto a outra se concentrava na revolução comunista mundial.

O terceiro texto, de autoria de Herman Gorter (1864-1927) ², é uma carta aberta dirigida a Lênin na qual procurou apontar os equívocos do revolucionário russo com relação aos pontos cruciais de divergência com a esquerda comunista. Partindo de um pressuposto diferente do de Pannekoek, Gorter tentou conscientizar Lênin e a III Internacional dos erros de análise conjuntural que, em seu entender, faziam com que ambos adotassem táticas equivocadas. Assim, Gorter enfatizou a diferença entre a situação objetiva da materialidade russa em relação à da Europa Central e seus distintos impactos sobre as subjetividades proletárias em ambas as regiões. Tais impactos se referem aos problemas da aliança entre proletários e camponeses, da direção da revolução (se dirigida diretamente pela classe ou por revolucionários profissionais na qualidade de dirigentes partidários), e também quanto aos problemas do parlamentarismo e do sindicalismo.

² Natural da Holanda e filho de pastor calvinista. Um dos maiores poetas em língua holandesa, de inspiração lírica social, defensor de uma arte proletária. Obra mais conhecida: *Mayo* (1889). Em 1897 adere ao Partido Operário Social-Democrata - SDAP, seção holandesa da II Internacional. Excelente orador, propagandista e divulgador. Em 1907 integra a oposição de esquerda agrupada em torno do jornal *De Tribune* (A Tribuna). Expulso juntamente com este grupo em 1909, funda o *Sociaaldemokratische Partij* – SDP (Partido Social-Democrático), este pequeno partido (menos de 500 membros) foi dos únicos que se separou da social-democracia **antes** da guerra de 1914-18. Gorter se envolveu na luta anti-revisionista da esquerda comunista internacional. Em 1914 rejeitou a guerra caracterizando-a como imperialista, afirmou a necessidade de uma nova internacional proletária e combateu a liderança indecisa do SDP. Em 1917 entrou em contato com os bolcheviques na Suíça e se correspondeu com Lenin. Nessa fase (1917-1918) aprova a Revolução Russa e chega a fazer apologias de Lenin. Em novembro de 1918 não compareceu à fundação do PC holandês (ao qual faria duras críticas) e desde então se dedicou inteiramente à Alemanha. Desde 1919, tornou-se o principal teórico da linha majoritária do KAPD: por um partido, pelas uniões proletárias e pelo sistema de conselhos proletários, uma das mais claras expressões da revolução operária. No Verão de 1920 escreveu “Carta aberta ao camarada Lênin” em resposta ao “Esquerdismo...”. Em novembro de 1920 vai a Moscou com Schröder e Rasch, que resultou na admissão do KAPD na III Internacional. Em 1921 participou na elaboração do documento “O caminho do Dr. Levi, o caminho do VKPD”, em que, ao mesmo tempo, apóia a solidariedade e a combatividade do proletariado na Ação de março e ataca Levi por pacifismo social e o PC Alemão (VKPD) por aventureirismo. Depois de julho de 1921 e do III Congresso da III Internacional impulsiona a ruptura com esta e a criação de uma nova Internacional. Na cisão do KAPD, é um dos líderes da tendência “Essen” e, em seguida, dedica toda a sua energia para a construção da Internacional Comunista Operária (KAI). Diante do fracasso, se coloca “fora das frações” e passa a trabalhar pela reunificação do KAPD se reaproximando da tendência “Berlim” (Rühle). Morreu em 1927 convencido de que havia chegado um duradouro e difícil tempo de reação.

Encerrando a coletânea de textos, Franz Pfemfert (1879-1945)³ em “A doença Infantil de Lênin e a Terceira Internacional” adota uma terceira perspectiva para refutar o autor de “Esquerdismo...”. Para Pfemfert não se trata de contra-argumentar Lênin valendo-se, como Gorter, de análises da conjuntura centro-europeia, mas de demonstrar que esse panfleto de Lênin nem de perto segue o rigor lógico presente nos seus demais escritos. Em outras palavras, apresenta a fragilidade dos argumentos do Lênin de “Esquerdismo...” apresentando-se sem recortes. Isto é, utiliza o pensamento leniniano contra Lênin e corrige as interpretações deste sobre Liebknecht. Indo além, expressará dois pontos centrais dos erros de Lênin: o primeiro pelas informações deturpadas que lhe foram passadas por Radek e o segundo por sua tentativa oportunista de generalizar a tática russa para todo o mundo, transformando assim a III Internacional em um instrumento de propaganda do partido bolchevique, do governo de Moscou e seus satélites, ao invés de ser a expressão da vontade do proletariado revolucionário mundial.

Vale destacar aqui a diferença entre uma posição original contida em “Esquerdismo...” e sua aplicação por seus seguidores. Um dos argumentos centrais expostos por Lênin é a necessidade da **combinação de formas** nas lutas. Assim, segundo a sua concepção de revolução, seria preciso lutar fora e dentro do sindicato, fora e dentro do parlamento. Logo, fica evidente que a esquerda tradicional atual que se reivindica leninista - e o utiliza como recurso histórico e teórico para justificar sua atuação incansável dentro dos aparelhos do Estado - na verdade corta Lênin ao meio e atua **apenas** dentro de sindicatos e parlamentos. Ou seja, elimina exatamente o elemento revolucionário presente em Lênin.

Da mesma forma, algumas organizações ditas de esquerda tentam transformar Marx em uma espécie de “nacionalista revolucionário”. Fazem essa operação ideológica a partir de recortes milimétricos em suas obras, no *Manifesto de 1848*, por exemplo, nas exatas linhas em que Marx e Engels fazem uma ressalva - justamente quando estão a defender o Internacionalismo - que as lutas começarão fatalmente a partir da localidade dos países. Ou seja, a social-democracia contemporânea, incluindo a de origem marxista-leninista, tornou-se mestre em transformar a exceção em regra, a ressalva em argumento central.

Porém, esse CF-1 não pretende “ensinar” a esquerda dita marxista-leninista a ser leninista por inteiro, apenas evidenciar a degeneração de suas práticas políticas. Pelo contrário, a razão de um dossiê com esse conteúdo - no momento histórico em que as críticas hegemônicas ao bolchevismo

³ Escritor e crítico. Uma das figuras de proa do expressionismo. Em 1911 fundou a revista *Die Aktion* (A Ação), espaço de encontro e fusão que misturava vanguarda artística, ensaios políticos e atualidades. Antes de 1914 apoiou a esquerda do SPD, mas se mostrou favorável a um “novo partido operário”. Em 1915 tentou lançar um “partido socialista antinacional”. Aderiu ao PC Alemão na sua fundação e depois ao KAPD, mas, tal como Otto Rühle, foi hostil à ideia de partido. Em 1921 censurou o comportamento do KAPD durante a Ação de Março e foi expulso do partido por este motivo. Foi um dos líderes da AAU-E. Durante todos esses anos, sem nunca ter sido órgão de um grupo, *Die Aktion* se tornou o porta-voz das correntes mais radicais do movimento operário na Alemanha. A partir de 1926, Pfemfert, amigo pessoal de Trotsky, se aproximou cada vez mais da Oposição de Esquerda (trotskista). Emigra em 1933 e *Die Aktion* deixa de aparecer.

estão fundamentadas em concepções anticomunistas (multiculturalistas e democráticas) - é especialmente fazer chegar a quem luta no tempo presente a voz (teórica) e a prática (histórica) de indivíduos e organizações revolucionárias proletárias que foram silenciadas e reprimidas não apenas pelo fascismo e pela democracia, mas pela própria esquerda tradicional.

Que o estudo seja proveitoso e se reverta em ações transformadoras.

Resistir até o capital cair

